



EM BUSCA DE SENTIDOS

MATERIAL EDUCATIVO

MÁSCARA
HUMANA

RODRIGO DE HARO

INSTITUTO
COLLAÇO
PAULO

CENTRO DE ARTE E EDUCAÇÃO

APRESENTAÇÃO ou epílogo ao contrário

Quando indago sobre as principais motivações para criar seus poemas, Rodrigo de Haro esclarece que ‘todo poeta almeja cativar a matéria, dominar, fazer cantar a energia adormecida nas coisas. Precipitar a metamorfose das coisas é missão do poeta, conferir asas ao inanimado. A poesia, disse (o jesuíta e escritor espanhol) Baltasar García, consiste em preservar o espanto: - o caderno alado que voa...’¹

1. PEREIRA, Moacir. Rodrigo de Haro: um poeta humanista. Florianópolis: Dois Por Quatro, 2018, p. 36.

ATO 0. ESCRITA EM PRIMEIRA PESSOA

Ao invés da poesia, debruçamo-nos sobre cinco pinturas e um desenho do artista Rodrigo de Haro (1939-2021) para compor o material educativo “Em Busca de Sentidos”. Todas as obras sem título pois, assim, a margem das possibilidades pode ser expandida, além de podermos brincar com a ideia de nominar as coisas. Particularmente, quando ele pontua em “fazer cantar a energia adormecida” nos permite realizar uma escrita criativa ou de um enredo teatral ao invés de uma simples leitura e descrição da imagem. E aproximamos ainda mais com nosso campo de atuação, a mediação, que caminha por esses espaços de criação, onde temos a audácia de incluir e reconstruir o que o outro nos dá, nessa contínua performance. Ou nessa colagem surrealista de ideias para a origem de uma outra coisa – agora, aqui, estamos falando também de Rodrigo. Então, permitimo-nos dar asas a esse tal de inanimado, dando “vida”, dialogando com as pinturas e desenhos do artista na medida em que percorremos o espaço expositivo e, principalmente, o material que você tem em mãos. Seria ousadia pensar que estávamos criando junto com o artista a partir de outras escritas?

É por esse caminho que o material educativo se delineia e se apresenta como um auxiliar de pesquisa com um pequeno caráter literário, ampliando as leituras.

O escopo para a construção do quinto “Em Busca de Sentidos” é a aproximação a uma peça teatral. Ao estudar Rodrigo de Haro, a partir de textos produzidos por terceiros, prefácio de livros, entrevistas, leituras de sua própria poesia, observa-se um interesse em deixar claro sobre o surgimento do poeta ou do pintor. Ambos, nascem juntos, a palavra aparece com a imagem e vice-versa, um não se sobrepondo ao outro. As pinturas então são narrativas visuais potentes de significados e sentidos, com histórias entrelaçadas e mitologias embaralhadas, que na vertente de sua criação, fundam o singular como medida estética. Um diálogo sem hierarquia entre linguagens, que mescla literatura, cinema, poesia e artes visuais.

Professor, você irá se deparar com um texto corrido, construído a partir de tópicos. Em “Ato”, encontrará a leitura de imagem de forma criativa. Esse recurso muito usado em sala de aula e até aqui, no espaço expositivo, não se restringe só a pontuar sobre o observado na obra, é um flerte com a contação de histórias. Cada uma das seis obras escolhidas para dar uma dimensão da exposição e do artista, convida para se entrar em um universo onírico, surrealista e teatral. Nessa parte, textos autorais criados pelos arte educadores.

O material não foge das pontuações possíveis a serem discutidas em sala de aula ou os temas abordados com seus estudantes. Desde os contemporâneos memes criados por desconhecidos que lembram as charges ou as caricaturas dos jornais, a possibilidade de pensar de outra forma os retratos do período renascentista, o cinema expressionista alemão, contexto histórico brasileiro dos anos 1970 ou, discutir sobre a lembrança de uma paisagem encontrada dentro de uma concha.

Por fim, as “Cenas” são as atividades práticas e teóricas que podem ser desenvolvidas com os estudantes. As propostas estão ligadas ao texto, às vezes complementando a ideia trazida pelo arte educador. Algumas, quem sabe, você pode chamar outros professores e/ou estudantes para realizar em conjunto, pense como uma grande trupe de teatro, na qual há outros envolvidos para esse algo – aquilo criado por seus estudantes – aconteça realmente.

CENA: Professor, que outras leituras vocês fariam em sala de aula? Quantas histórias/narrativas possíveis uma única imagem abarca? Quais os detalhes que chamam a atenção e que são capazes de modificar esse enredo? Quais outras obras do artista podem ser elencadas para conversar com o proposto? O universo imagético de Rodrigo de Haro é vasto, percorre diferentes universos, movimentos artísticos, além dos usos de materiais artísticos. Utilize esse apoio pedagógico das mais diversas formas para compor suas aulas.





Sem Título, ca. 1970

RODRIGO DE HARO

Acrílica sobre aglomerado, 175,3 x 69,5 cm

Coleção Colação Paulo

O espaço ainda está escuro. Ou você está de olhos fechados? Imerso nessa escuridão, uma pequena luz se acende. Não forte o suficiente para iluminar o recinto, mas para observar a existência de uma outra pessoa presente nessas sombras. O personagem surge envolto em uma capa que o camufla ainda mais. Poderia ser noite, o interior de uma casa. Poderia ser um teatro. Sem conseguir reconhecer, uma máscara branca ressurgiu desse fundo preto, com um dedo acinzentado. Observa, também, um pedaço de sua vestimenta. Camisola, vestido, calça, capa, não importa. Nada sugere sua identidade, a posição social ou seu tempo histórico. Só movimento. Aquele botão no sapato chama sua atenção. Ele parece retirado daquela estrutura acinzentada formada por vários gomos localizados no teto. Seria um teto ali? O que seriam esses “gomos”? Linhas tênues e firmes pulam dessa cena, abraçam o personagem e querem avançar pelo espaço. Escapam pelas laterais com cores verdes azuladas, laranjas, cinzas, pretos, verde petróleo. Estão presentes na capa, na mão, na máscara. Tudo é linha. Tudo é gomo. A linha que demarca um contorno inexistente desse corpo que se desenha na mente, é a mesma que grita por espaço. O ar suspenso em mistério com duas assombrações que pairam no ar. Você fecha o olho.

A pintura “Sem Título”, feita com tinta acrílica sobre aglomerado de Rodrigo de Haro, deixa em aberto as possíveis leituras realizadas pelo espectador. Aqui, professor, pode-se discutir alguns aspectos que dialogam diretamente com a obra, uma possibilidade seria iniciar pelo porquê estar sem um nome, algo que tanto possibilita fechar ou expandir os significados, pode ser fornecido pelo próprio artista ou por uma terceira pessoa, como um curador, um colecionador ou pesquisador, sendo nesse caso, um título atribuído e com caráter descritivo. Eles têm algumas características, uma delas já citada anteriormente, porém podem ser, também, compostos pelo nome de uma pessoa, uma localização geográfica, por exemplo. Talvez, o aspecto mais interessante, é o subjetivo, aqueles nomes abertos para múltiplas reflexões.

Outro lugar por onde é possível dialogar com seus estudantes, seriam os filmes e as peças teatrais. O personagem envolto nessa capa pesada e escura que Rodrigo constrói com tintas densas e bem demarcadas, sugerem ter saído de filmes de terror. Lembram-se do filme “Nosferatu” (1922), de F. W. Murnau (1888-1931) O artista de Santa Catarina é influenciado por várias linguagens artísticas e vertentes, com predileção pelos anos 1920. O cinema expressionista alemão aborda, justamente, as temáticas que o interessam, como as subjetividades do ser humano. A distorção dos cenários e as maquia-

gens marcantes são recursos utilizados pela Sétima Arte nesta década, assim como elementos pintados nas paredes sugerindo luzes, sombras ou, até mesmo, outros objetos em cena.

CENA 1. Pensando na descrição da pintura como uma cena imersiva na qual os arte educadores o convidam a estar nesse ambiente, como seria transportar a imagem ao mundo real? O artista Ernesto Neto produz obras tridimensionais táteis e olfativas, convida o espectador a entrar em suas instalações e a intervir. Hélio Oiticica (1937-1980) concebe os “Parangolés”, vestimentas que têm o objetivo de efetivamente vestir, interagir e criar junto. Como seria colocar essa capa escura da pintura de Rodrigo de Haro? De qual tecido ela seria confeccionada? Que cheiros poderiam existir nesse espaço? Qual a intensidade da luz? Com outros professores, poderia ser pensada uma instalação ou, na própria sala de aula, em ambientes setorizados, onde os estudantes possam experimentar diferentes sensações táteis, olfativas e sonoras. Outra possibilidade é o registro fotográfico deles performando/atuando pelo espaço da escola, com uma peça de roupa baseada na pintura de Rodrigo de Haro.

CENA 2. Um filme, nos primórdios do cinema e até há pouco tempo, montava-se a partir de diversas cenas sequenciais, como pequenas fotografias em um rolo que, quando colocado em um aparelho específico, ganha movimento. Pensando assim, lembram um pouco uma espécie de história em quadrinhos ou aqueles *flipbooks*. Como seria a continuação, se houvesse, para a tela do artista? Para onde o personagem iria? O que ele faria? Abriria a capa e revelaria suas vestes? A máscara iria continuar em seu rosto? Professor, tendo essa pintura como ponto de partida ou chegada para a atividade, oriente seus estudantes a criarem uma pequena sequência utilizando a linguagem do *flipbook*.

Para pesquisar:

<http://portale.icnetworks.org/secoes/videos/flip-book-folioscopio-criancas-luz-sombra>

CENA 3. Como já mencionado, o título é um elemento que tanto pode ser descritivo da obra de arte quanto um complemento. Professores, mostrem algumas ideias de títulos e tentem identificar as diferenças existentes de quando nomeado por quem fez e de quando é atribuído. No período contemporâneo, muitos artistas costumam estabelecer diálogos entre seus trabalhos e esse espaço nas fichas

técnicas, como ocorre com a artista carioca Beatriz Milhazes. Após essa pesquisa, oriente os estudantes a pensarem em títulos diferentes que induzam às imagens, cores, formas, proposições de possíveis ações ou até mesmo como se fossem poesias. Como seria dar um título à pintura de Rodrigo? E, que tal estender para as outras obras presentes na exposição “Máscara Humana”?

Para pesquisar:

<https://www.youtube.com/watch?v=XRoRN4eDzCk&t=91s>





Sem Título, 1973

RODRIGO DE HARO

Óleo sobre aglomerado, 117 x 64 cm

Coleção Collaço Paulo

Ao longe, avistaram uma casa. A noite se aproximava e precisavam de um abrigo. Tocaram à porta e ela se abriu sozinha. Entraram. À primeira vista, enxergaram uma mulher com semblante sério, usando uma coroa de flores na cabeça, roupas com babados, laços e botões, semelhante a uma vestimenta festiva ou ritualística. Aparentemente, estava cuidando de um ser diferente de tudo que existia, com corpo de peixe, cabeça de mulher e nas costas, um par de asas. A criatura segurava uma concha. Junto a ela, em cima da mesa, havia mais conchas e um vaso enorme com flores variadas, uma composição típica de natureza-morta. Em um breve passeio pela casa, notaram as paredes descascadas e com rachaduras. Poderiam pensar que elas eram a própria materialização do tempo neste espaço habitável e misterioso. Enquanto tentavam assimilar tudo o que haviam visto, surgiu um detalhe incomum: um recorte na parede mostrava um outro lugar, como se fosse um portal. A paisagem era de um rochedo momentos antes de uma grande onda acertá-lo com toda força. Na parte continental, observava-se uma construção semelhante a um farol, porém com uma ausência fundamental, a luz. Era como se quem o construiu, tivesse esquecido desse precioso item ou o mar tivesse levado a fonte luminosa para seu interior. Não perguntaram nada. Foram dormir.

A obra, “Sem Título” (1973), de Rodrigo de Haro, revela muito de seus interesses poéticos. O vaso, parte central da pintura, indica um especial apreço pelo gênero de natureza-morta, temática que surge na Europa no final do século 16. Para além de uma composição de objetos inanimados, como flores, frutas, vasos, conchas, entre outros que caracterizam esse gênero de pintura, há uma indicação de caráter simbólico e metafórico para os elementos presentes. As rachaduras nas paredes sugerem as ruínas do habitável e o pensamento sobre o tempo transcorrido. Quantos anos pode ter a casa? Será que as rachaduras indicam a passagem do tempo ou falam sobre a poética do artista? Que espécie de personagens podem habitar a poética de uma ruína? O que seria a poética de uma ruína? Certamente não há somente uma resposta, porém o entendimento sugerido diz respeito ao lidar, ou até, (re)construir artisticamente a partir dos destroços e fragmentos. Não obstante, é algo que propõe uma importância ao processo de degradação/destruição e, por fim, reconfiguração das coisas do mundo.

Do recorte no canto esquerdo inferior, a grande onda que bate no rochedo, sugere uma apropriação de uma estética oriental, como o da xilogravura “A Grande Onda de Kanagawa”, do artista japonês Katsushika Hokusai (1760-1849). A referência indica que Rodrigo de Haro, mesmo cercado pelas águas da Ilha de Santa Catarina, navega no mar de outras culturas, alusão aos seus múltiplos interesses nas

composições pictóricas. As conchas representadas na pintura indicam a proximidade e intimidade com o mar, são como lembranças ou fragmentos dos imensos oceanos e, com as personagens e outros elementos compositivos, sugerem, de forma fantástica, a elaboração de uma narrativa em que a realidade se mostra expandida para um aspecto surreal. Entre essas diversas camadas de sentido, Rodrigo dá pistas de seu rico olhar para o mundo, permeando as composições de naturezas-mortas, a cultura do Oriente e indícios surrealistas, construindo um habitável de mistério e imaginação.

CENA 1: Diante da obra do artista Rodrigo de Haro, sugira aos estudantes que tragam de suas casas um objeto típico do gênero natureza-morta, como um relógio, um vaso, uma bola, são alguns exemplos, para, em conjunto, estruturarem uma composição. Para a materialização artística da proposta, utilize a pintura, uma linguagem mais tradicional, porém professor, você pode aproximar com as mais contemporâneas, como a fotografia. Neste caso, reforce a importância compositiva, como a escolha do lugar para cada objeto, o enquadramento da cena e a luz neles incidida. Oriente que cada um fotografe a partir de um ponto específico, observando as diferenças que podem surgir do olhar de cada um.

CENA 2: Professor, leve uma concha, de preferência grande, para que os estudantes possam ter uma vivência sensorial a partir do som propagado pelo objeto marítimo ou, se possível, levá-los à praia para uma coleta de materiais. Inspirados pelo som, oriente-os a criarem uma composição a partir de suas memórias do mar, da praia ou do passeio realizado pelo grupo. Sugira para eles utilizarem como linguagem a pintura ou o desenho. Caso seja possível, as conchas menores podem compor com a representação, dar formas tridimensionais, explorando os aspectos táteis como as texturas, os relevos, os tamanhos e formatos variados e as cores distintas.

CENA 3: Divida a turma em pequenos grupos e peça aos estudantes para escreverem uma história a partir da obra de Rodrigo de Haro, indicando os detalhes do contexto da imagem, como a casa, os personagens e os elementos presentes. Que tipo de histórias podem surgir? Suspense, comédia, drama, romance? Após a elaboração escrita, convide os grupos a contarem as narrativas para a turma ou, ainda, apresentarem de forma teatral suas composições.





Sem Título, 1974

RODRIGO DE HARO

Têmpera sobre eucatex. 21,8 x 16,2 cm

Coleção Collaço Paulo

De forma centralizada, uma abertura sugere ser uma pequena janela. Uma passagem para um outro espaço. Não há muitos indícios de sua localização. Por entre um tecido semitransparente, talvez um véu, na cor preta com pequenas bolinhas douradas, surge uma pessoa. Ela/ele traça uma máscara preta com olhos vermelhos penetrantes. Observam-se antenas. Antenas? Ou seria algum fio dessa cortina? Os olhos vermelhos miram direto para o público. Lentamente e, de uma maneira meio desconfortável – essa mão com dedos longos e contorcidos –, um segundo rosto é revelado. Os olhos vermelhos penetrantes continuam ali, naquela máscara preta. Seriam duas então!? Qual o verdadeiro? O cabelo solto preenche parte desse fundo. Uma pequena meia-lua – pelo menos aquele elemento acinzentado sugere ser uma lua crescente - surge por entre seus cabelos. O colar de flores adorna seu pescoço, preenche o vazio do peito. Na veste predominam os tons vermelhos. A única mão à mostra traça uma luva rendada com pequenos círculos que lembram respingos do passado de alguma substância amarronzada. Semelhante é a cor da escrita em seu peito, surgindo como algo esquecido. Ela/ele, como a lua, entende-se composta por duas faces.

No recorte de pinturas de Rodrigo de Haro para compor esse material de apoio pedagógico, observa-se o uso da tinta acrílica, à óleo, nanquim e a têmpera. A partir delas, é possível se estabelecer um fio condutor para uma abordagem de usos. Nessa pequena tela, Rodrigo usa a têmpera, adotada ao longo da história da humanidade, desde as pinturas dos sarcófagos egípcios até a atualidade, como por exemplo, o artista Alfredo Volpi (1896-1988) que confecciona as próprias tintas. Nos séculos 14 e 15, na arte italiana, ela realmente ganha força e destaque em painéis de madeira e em paredes. A técnica consiste na mistura de pigmentos com uma emulsão de água e gema de ovo e tem como característica um certo brilho e translucidez, dependendo, conseguem-se cores opacas e fortes.

E a máscara? Essa ambiguidade que traz para a pintura, do esconder e revelar, assim como a meia-lua crescente por entre os cabelos da/do personagem. O acessório, utilizado para esconder total ou parcialmente as feições, está presente em diversos aspectos da história, inicialmente ligada aos rituais sagrados e, posteriormente, absorvida por outros eventos culturais como o teatro. A máscara tem a função de transformar o ator/atriz em outro (a) personagem, dar forma às expressões faciais, materializar sentimentos, amplificar a voz ou características específicas como uma orelha ou nariz. Como, também, dá título à exposição em questão, afirmando o tema na poética de Rodrigo

de Haro que, em muitas entrevistas, deixa evidente seu interesse nas “máscaras” humanas.

CENA 1. Professor, que tal preparar a tinta têmpera com seus estudantes? Há receitas na internet, você pode escolher a que mais lhe agrade. Experimente com eles em diferentes suportes e com as mais variadas consistências. Quais resultados podem ser obtidos?

Para pesquisar:

<https://novaescola.org.br/conteudo/1286/a-tinta-que-vem-da-natureza#:~:text=-Como%20fazer&text=Em%20um%20recipiente%2C%20coloque%2025,ponha%20mais%20ou%20menos%20corante>

<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/tinta-base-ovo.htm>

CENA 2. As máscaras são acessórios ligados a eventos culturais e rituais sagrados. Elas podem ser confeccionadas com papéis comuns, construindo camadas com papelão ou com gesso. Com os estudantes, mergulhe no universo das máscaras, mostre o teatro japonês, o teatro grego e diferentes rituais sagrados para entender quais são as suas características e funções. Separe os estudantes em grupos, trabalhe com as outras turmas da mesma faixa etária e crie um grande mural com a confecção de acessórios, identificando a finalidade e o local.

CENA 3. Na história da arte, é possível encontrar vários retratos de pessoas importantes ou desconhecidas. Professor, selecione com seus estudantes, alguns retratos ao longo da história da arte. Quais são as características encontradas? Como são as vestimentas? Há cores predominantes? Como o retratado está posicionado na pintura? São algumas perguntas e orientações que você pode dar para a construção desse grande *hall* de personagens. Oriente os alunos a se caracterizarem de acordo com os retratos escolhidos, fotografe e, com o resultado, faça uma exposição na escola.





Sem Título, 1973

RODRIGO DE HARO

Acrílico sobre aglomerado, 121 x 50,3 cm

Coleção Collaço Paulo

Os pés indicam o movimento ritmado da dança. A mulher entra em outro estado, como quem invoca uma divindade ou solicita algo aos deuses (as). Assistem em silêncio sua agitação. O seio esquerdo salta do vestido. Ela não se importa. Nota-se em sua vestimenta colorida algo glamoroso, certamente um tipo de roupa incomum de se ver no dia a dia. Na base da roupa, um gato tenta escalá-la. Em sua mão esquerda, um cálice guarda um coração e, a outra, uma tampa. No braço, a cobra se enrola cuidadosamente para não apertar demais, ornamentando o corpo como referência de poder e comunhão entre os seres. De suas costas aparecem um par de asas, característica de um ser não humano, quem sabe, uma deusa festiva com a pele em tons de cinza azulado. Anéis, brincos, gargantilha e coroa enfeitam o corpo divinal. No seu cabelo, um pássaro com uma pera no bico encontra abrigo. No chão, outro fruto, a representação da romã brotando - símbolo recorrente na produção do artista. Os movimentos atravessam o dia e a noite, a deusa sem nome, não se cansa de dançar.

A dança, independente da cultura envolvida, manifesta um processo de ritualização dos corpos em movimento. Na obra analisada, as características compositivas utilizadas pelo artista sugerem algumas possibilidades para seu entendimento. Por exemplo, a mulher com uma pele em tons de cinza azulado, induz uma aproximação com algumas divindades da cultura hinduísta, como a representação de Shiva enquanto dançarino cósmico ou o Senhor da Dança. Nessa perspectiva, a divindade assume duas formas dançantes: uma como Lasya, embalando algo suave e associada à criação do mundo e Tandava, com seu aspecto violento e vinculada à destruição. Qual seria a dança que está sendo realizada nessa pintura?

Curioso notar o contexto no qual a personagem configura-se em um lugar quase vazio, com poucos elementos presentes. Na pintura, observa-se uma construção repleta de rachaduras, aparentando um estado de ruína e, aos pés da dançarina, uma romã germinada, com seu broto nascendo ao lado de um vaso. Na liberdade poética do artista, as junções de referências e interesses com outras culturas, misturam-se dando forma ao singular. A associação da destruição não se distancia da recriação, pois os processos são conjuntos em um movimento perpétuo nas circunstâncias do universo. Rodrigo de Haro tem a inclinação para a criação de figuras fantásticas, seres fictícios, tanto na linguagem plástica quanto literária, até mesmo retratos de pessoas reais, como os

do casal de colecionadores incluídos na exposição. Formas e cores, a partir da poética do pintor, geram narrativas possíveis, sempre abertas para os distintos olhares dos observadores. No caso da obra em questão, o movimento da dança surge como catalisador na construção ritualística proposta pelo artista.

CENA 1. Professor, a partir da imagem da obra disponibilizada, convide os estudantes a criarem por escrito uma história relacionando divindades ou figuras mitológicas da cultura brasileira ou afro-brasileira com outras referências. Sugira a criação de um panorama ou uma contextualização da vida do personagem, incluindo a descrição de suas emoções, motivações e características singulares. Esse aprofundamento estimula uma escrita mais autêntica e criativa, na medida em que desafia a pensar e criar possibilidades para seu personagem, relacionando ou não com seu contexto ou história de vida.

CENA 2. Como proposição, oriente os estudantes a criarem visualmente seus próprios personagens fantásticos inspirados nas cores marcantes, formas e acessórios presentes na obra. É interessante que eles elaborem de forma detalhada os elementos visuais

que compõem tal proposição. O intuito é proporcionar uma vivência, explorar a criatividade e a atenção aos detalhes. Caso seja possível, disponibilize materiais diversos, como penas, barbante, linhas coloridas, lantejoulas, botões, entre outros. Forneça também papel, lápis de cor ou tintas para a feitura do exercício.

CENA 3: A dança age nos corpos sempre induzindo algo, seja sagrado, profano ou puro desprendimento da rigidez corporal. Divida a turma em grupo e oriente os estudantes para uma construção coreográfica que invoque sentimentos escolhidos por cada grupo. A intenção é criar, a partir do suporte “corpo”, situações e movimentos que proporcionem uma descontinuidade no lidar com os gestos. Como apoio, voltado à dança contemporânea, são sugeridos materiais referentes ao Grupo Corpo, de Minas Gerais, em especial o espetáculo “O Corpo”.

Para pesquisar:

https://grupocorpo.com.br/wp-content/uploads/2020/09/release_OCOrpo-1.pdf

<https://grupocorpo.com.br/obra/o-corpo/>





Sem Título, ca. 1970

RODRIGO DE HARO

Acrílica sobre eucatex, 80 x 64 cm

Coleção Colação Paulo

Irritada. Usa um vestido preto construído por uma aranha que agora é seu broche da sorte. Uma fenda longa, atravessa a lateral de seu corpo deixando parte da perna à mostra, muito sutil, pois ela acaba se camuflando com a multidão a seus pés. Também, é esse aracnídeo que tece uma teia de pérolas em seu cabelo volumoso, como pequenas gotas de orvalho. A vela continua a queimar lá no canto, esquentando o recinto e misturando os cheiros frutais com outros odores. O ar é espesso. Alguém a agarra pelas pernas, deixando-a mais irada. Apesar de estar acima de todos, ela escuta alguém gritar: “Divina”! Esse som se abafa e se mistura com os cheiros e volumes. Nunca largou seu leque de penas, pois se sente como uma artista da década de 1920, igual aquelas dos filmes em preto e branco. Agora ela é cor. É vermelha furiosa, laranja ardente como seu semblante. Uma cortina desgastada tenta esconder parte do espaço composto por rachaduras: o reboco caindo da parede, o espelho despedaçado, as velas queimadas e a plateia não mais presente. Tudo sugere que esse tempo desmorona. Com suas luvas verdes, seu leque de plumas e seu vestido preto tecido pelas tramas do tempo de Aracne, ela escuta o último som que ainda ressoa no recinto: “Divina”!

Rodrigo de Haro é um artista atento aos detalhes. Em muitos de seus trabalhos, observa-se um flerte com as artes gráficas, principalmente dos cartazes de cinema e teatro. Sua pintura é demarcada por uma linha sempre presente, que tanto pode ser um recurso gráfico para inserção de movimento quanto uma delimitação do espaço que a cor deverá ocupar. Construída cuidadosamente de forma plana, a composição faz alusões a uma tridimensionalidade a partir da inserção de figuras menores e maiores, sugerindo uma certa profundidade.

Nada está por acaso nessa cena teatral montada pelo artista. As rachaduras se estendendo pela parede deixam à mostra os tijolos, as velas queimadas derretem, formam pequenas paisagens montanhosas e, o espelho quebrado sem reflexo e utilidade. Simbolicamente, as rachaduras estão associadas à passagem entre mundos diferentes e as velas, ao tempo. O artista de Santa Catarina, na década de 1980, é convidado para realizar pinturas nas paredes do teatro Adolpho Mello (São José/SC). Hoje, não existem mais. Professor, quantos territórios culturais estão desaparecendo na cidade?

CENA 1. Ao longo de sua carreira, Rodrigo de Haro esteve envolvido com a produção de cartazes de filmes, peças de teatro, ilustração de livros tanto seus quanto de outros escritores dos quais foi

amigo. Professor, convide os estudantes a confeccionarem cartazes de amostras imaginárias. Caso sua escola tenha um grupo de teatro, ou música, ou até mesmo o time de futebol, proponha confeccionarem esse projeto gráfico com o repertório e temas dos próprios grupos do cotidiano escolar. O time de futebol vai jogar em outra cidade? Algum estudante ganhou medalha nas olimpíadas de matemática? Como recurso adote o dia a dia e diversas linguagens, podendo explorar pintura, colagem, desenho...

CENA 2. Se esses personagens na pintura de Rodrigo de Haro pudessem sair da tela, como seriam? De qual peça teatral fariam parte? Que tal dividir a sala em grupos e cada um formular uma pequena apresentação teatral? Use a criatividade para a confecção das fantasias, aproximando-se o máximo possível das representações do artista. Assim, no final, existiriam algumas peças diferentes para uma mesma obra de arte. Se houver fôlego, faça uma encenação para a escola inteira e convide outros professores para ajudar nessa empreitada.

CENA 3. Ao longo do semestre, provavelmente você levará seus estudantes para outros espaços culturais. Peça que eles registrem cada ida e aspectos que chamam a atenção, pode ser através de desenho, da escrita ou de fotografia. Oriente-os a coletarem informações do cotidiano desses passeios, pequenas falas de transeuntes, placas, etc. Em sala de aula, caso tenham fotografado, imprimam tudo o que foi coletado. Se não for possível, realizem um arsenal de revistas ou os próprios alunos podem fazer as próprias imagens. Utilizando a colagem, o que sairia como registro desse período? De quantas formas uma memória pode ser contada?



RODRIGO DE ARO



Sem Título, 1970

RODRIGO DE HARO

Nanquim sobre papel, 33,2 x 48 cm

Coleção Collaço Paulo

Após a cerimônia matrimonial, o casal e seus convidados sentam-se à mesa do jantar. Os noivos, no centro. Os acompanhantes, ao redor. “Até que a morte os separe”, dizem os votos. Para a noiva, provavelmente não deverá esperar tanto tempo assim. Induzida por esse sentimento, troca cartas de amor com o galanteador de plantão. De seu buquê, surge uma cobra, símbolo da força vital, da vida e morte, da renovação. Mas também da tentação, da sensualidade e da sexualidade. O noivo apático não percebe nada dos movimentos ambíguos de sua amada. Os convidados comem e bebem de maneira farta. Os restos ficam sobre a mesa. Partes do corpo do siri, cabeças de peixes, alguns moluscos, garrafas de bebidas, sacos com moedas e, em uma travessa, um polvo ainda inteiro. De sobremesa, bolo com cerejas de enfeite adoçam o fim do jantar. O ritual matrimonial está consumado. Todos voltam para suas rotinas, satisfeitos e um pouco mais obesos.

O casamento é um ritual muito conhecido em diferentes culturas, cada qual com suas características. Essa temática foi e é adotada por muitos artistas, tanto da música, teatro, poesia e das artes visuais. A cena de Rodrigo de Haro sugere uma apropriação de criações artísticas de outros autores desenvolvidas ao longo do tempo. Não de maneira incomum, tais representações invocam um olhar crítico e bem-humorado para o casamento de uma camada específica da sociedade: a burguesia. O desenho em nanquim, “Sem Título”, da década de 1970, explora de maneira satírica e de certa forma decadente, a união de um aparente senhor com uma jovem. A mesa farta e com sacos de moedas indicam a posição social comentada.

Uma relação possível para esta obra, são as tão conhecidas charges, que igualmente como a representação do artista, carregam um tom crítico e espirituoso para as mais diversas temáticas. A materialidade do trabalho, nanquim sobre papel, contribuiu para estabelecer essa relação com a linguagem das conhecidas “tirinhas de jornal” ou, contemporaneamente, os memes das redes sociais. Outra linguagem próxima ao desenho, são as caricaturas, nas quais as feições e os comportamentos exagerados dão um caráter cômico e irônico. Rodrigo de Haro, em suas sutis observações do cotidiano, destaca justamente esses elementos, como o rosto do senhor que se veste com um traje quase presidencial, cujas feições sugerem uma caveira, a aparência e

o olhar da noiva quase animalescos e a mesa, com a abundância de alimentos e dinheiros jogados em cima, o ato de esbanjar uma fartura. Ainda mais com esse recorte centralizado, seria o retrato da nova burguesia da década de 1970? Destaca-se que é um período complexo e violento na história brasileira, período do chamado “milagre econômico” com uma série de ações de crescimento para o país, porém, como o próprio desenho de Rodrigo de Haro sugere, à custa de quem, após uma grande dívida e desigualdade social?

CENA 1. Professor, pensando no aspecto crítico que possivelmente a obra de Rodrigo de Haro carrega, divida a turma em pequenos grupos e oriente que eles busquem referências desse período histórico brasileiro. Abaixo, há algumas peças teatrais, música, pintura que você pode levar em sala de aula para contribuir com a pesquisa e ampliar a leitura da obra “Sem Título”. Como os estudantes poderiam relacionar com a contemporaneidade? Talvez, essa seja uma proposição mais teórica que poderá ser desenvolvida a partir de um grande mapa cartográfico de referências artísticas, partindo da obra principal do artista de Santa Catarina.

Para pesquisar:

O casamento desigual, Quentin Matsys (1466-1530), aprox. 1525:
<https://masp.org.br/acervo/obra/o-casamento-desigual>

O Casamento do Pequeno Burguês, Bertold Brecht (1898-1956), 1919:
www.marxists.org/portugues/brecht/1919/mes/o-casamento-pequeno-burgues.pdf

O Casamento, Nelson Rodrigues (1912-1980), 1966:
https://fliphtml5.com/qcgcj/pexa/O_Casamento_-_Nelson_Rodrigues

O Casamento dos Pequenos Burgueses, Chico Buarque, década de 1970:
www.letras.mus.br/chico-buarque/63448/

CENA 2. A partir da materialidade da obra, nanquim sobre papel, proponha para a turma a experimentação desse material na representação de uma narrativa visual, como uma charge presente nos jornais ou redes sociais. Para tanto, é importante atentar a escolha de uma temática, estabelecer um conceito ou uma ideia orientadora para determinada cena, desenvolver personagens, o cenário e acrescentar falas ou texto.

CENA 3. Em grupo, oriente a construção de um “poema esquisito”. Tal proposta dialoga diretamente com a prática do artista e cria outras possibilidades de entendimento para a obra. Funciona

da seguinte forma: organize a turma em um círculo, em uma folha de papel a primeira pessoa escreve uma frase, termo ou palavra, referenciando a imagem do Rodrigo de Haro, pode ser sobre os elementos presentes, as pessoas em cena, o contexto onde os personagens estão inseridos, entre outros. Após escrever, dobra-se o pedaço escrito e passa para o lado, repetindo a operação. Todos irão redigir sobre um detalhe ou uma relação possível do que se entende sobre o casamento e a imagem representada. No fim, desdobra-se a folha para ter a união de todas as colaborações poéticas.

MÁSCARA HUMANA

RODRIGO DE HARO

De 16 de outubro de 2024
a 26 de abril de 2025

O INSTITUTO

Diretor-presidente

Marcelo Collaço Paulo

Vice-presidente

Jeanine Gondin Paulo

Museóloga

Cristina Maria Dalla Nora

Curadora-chefe

Francine Goudel

Produção de conteúdo e comunicação

Néri Pedroso

Coordenadora do núcleo educativo

Joana Amarante

Arte educador

Marcello Carpes

Serviços gerais

Adriano Lessa

Recepção e atendimento ao público

Júlia Bayer Heidmann

Eduardo Tavares de

Miranda Costa

A EXPOSIÇÃO

Acervo

Coleção Collaço Paulo

Acervo fotográfico

Espólio de Rodrigo de Haro

Arquivo Idésio Leal

Arquivo Pedro Alípio

Curadoria, expografia, produção executiva e textos

Francine Goudel

Assessoria de imprensa, revisão e edição de textos

Néri Pedroso

Material e ações educativas

Joana Amarante

Marcello Carpes

Coordenação de acervo e montagem

Cristina Maria Dalla Nora

Conservação e restauração do acervo

Sára Fermiano

Montagem

Flávio Xanxa Brunetto

Apoio de montagem

Adriano Lessa

Joana Amarante

Marcello Carpes

Identidade visual

Lorena Galeri

Gestão de mídias sociais

Natália Régis

Fotografia da coleção

Eduardo Marques

Captação de recurso e produção administrativa

Harmônica Arte e Entretenimento

Realização

Instituto Collaço Paulo

— Centro de Arte e Educação

Apoio

Sesi

Apoio Cultural

Ibagy, Cassol, Softplan, Hurbana, Corporate Park e Paradigma Cine Arte

Patrocínio

Lei Municipal de Incentivo à Cultura, Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes e Prefeitura de Florianópolis

O MATERIAL EDUCATIVO

Coordenação editorial

Joana Amarante

Marcello Carpes

Textos

Joana Amarante

Marcello Carpes

Projeto gráfico e diagramação

Lorena Galeri

Shayda Cazaubon

Fotografia

Eduardo Marques

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Em busca de sentidos: material educativo [livro eletrônico] : Máscara Humana:
Rodrigo de Haro / (organização Joana Amarante, Marcello Carpes) --
1. ed. -- Florianópolis, SC : Instituto Collaço Paulo - Centro de Arte e Educação, 2025.
PDF

ISBN 978-65-980337-7-4

1. Artes plásticas - Exposições - Catálogos 2. Artes visuais
3. Desenho - Arte 4. Haro, Rodrigo de, 1939-2021 5. Pintura - Exposições 6. Poesia
I. Amarante, Joana. II. Carpes, Marcello.

25-304451.0

CDD-730

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes plásticas : Exposições : Catálogos 730

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

EM BUSCA DE SENTIDOS

MATERIAL EDUCATIVO

Coordenação editorial

Joana Amarante

Marcello Carpes

Florianópolis, 2025

MÁSCARA
HUMANA

RODRIGO DE HARO

INSTITUTO
COLLAÇO
PAULO

CENTRO DE ARTE E EDUCAÇÃO